A Quarta Serpente

Mathias Gonzalez

Copyright © 2011 – Mathias Gonzalez – MG Editor

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida sejam quais forem os meios empregados sem a permissão expressa por escrito do Autor ou Editora. Aos infratores aplicam-se as sanções previstas nos artigos 102, 104, 106 e 107 da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Contato com o autor:
E-mail: mathiasgonzalez2005@hotmail.com
Twitter: http://twitter.com/#!/MathiasGonzalez
Novos livros: http://clubedeautores.com.br/42814

Este romance foi escrito na Austrália no ano de 1996. O autor viveu grande parte das aventuras narradas nesta obra, misturando ficção com realidade. Seria impossível criar todas as coisas que você lerá neste livro. Nomes de pessoas foram modificados, no entanto, os locais descritos são reais.

O Autor

Dedico esta obra
aos meus filhos Pablo, Diego, Rodrigo,
Tarcísio, Luana, Mathias Jr., Mariana e Paloma - o
melhor de mim.

ÍNDICE

I O PROJETO **9**
II EM BUSCA DE YALNGURA **41**
III OS DEMÔNIOS VOLTAM A APARECER **53**
IV OS CONSELHOS DE LARY AUGN **71**
V UMA SURPREENDENTE REVELAÇÃO **87**
VI O DILEMA DE YALNGURA **103**
VII UMA LUTA CONTRA O TEMPO **135**
VIII O MAR DA TASMÂNIA **149**
IX O RECOMEÇO **159**
X PARTINDO PARA O TERRITÓRIO ABORÍGENE **173**
XI A PRIMEIRA NOITE NO DESERTO **189**
XII OS CAÇADORES LIL-LIL **201**
XIII UMA BATALHA DE VIDA OU MORTE **231**
XIV A PROFECIA DA LUA MINGUANTE **245**
XV A MONTANHA DO SOL NASCENTE **257**
XVI A GRANDE MISSÃO **363**
XVII O RETORNO À CIVILIZAÇÃO **423**

Capítulo I

O PROJETO

Até duzentos anos atrás, a Austrália, uma gigantesca ilha situada no Hemisfério Sul, era povoada exclusivamente por homens de pele escura. Foi então que chegaram os primeiros europeus e, ao entrarem em contato com os nativos da ilha, chamaram-lhes de "aborígenes", termo que significa "os que estão na Terra desde o princípio".

Os aborígenes acreditam que desde a criação do planeta eles sempre habitaram nesta região. Refiro-me ao continente australiano, onde atualmente estou vivendo, cenário desta minha obra.

Quando aqui cheguei, em 1993, tive imensa curiosidade em conhecer os aborígenes, estes povos primitivos, capazes de sobreviver em pleno deserto, onde nem mesmo os mais resistentes répteis sobrevivem. No entanto, os aborígenes são capazes de encontrar alimento, ter filhos, divertirem-se, cantar, praticar seus rituais sagrados e viverem muito felizes.

Se eles são capazes de extrair felicidade, vivendo em regiões tão hostis e selvagens, então qual a razão de muitas pessoas, mesmo dispondo de modernos meios de transporte, alimentos ao alcance da mão, roupas apropriadas para inverno e verão, habitações seguras contra o rigor do tempo, não serem absolutamente felizes?

Por que os aborígenes são capazes de encontrar paz de espírito e alegria de viver, usando apenas uma tira de couro em volta da cintura, ou, às vezes, nem isso? Eram essas as perguntas que eu me fazia, logo que ouvi falar sobre aquele povo nativo. Possuidores de uma resistência física fenomenal, eles conseguem caminhar centenas de quilômetros debaixo de um sol

abrasador até chegarem ao seu destino. Além disso, podem ficar muitos dias sem beber uma única gota de água ou comer qualquer alimento sólido. De onde esses enigmáticos seres humanos retiram suas energias e o que os torna tão especiais? Todas essas e muitas outras questões a respeito do fantástico poder daquele povo eu desejava saber.

Além disso, pessoas que tinham viajado por todo o continente australiano e tido contato com os aborígenes haviam-me relatado fatos incríveis.

Uma antropóloga canadense, a Dra. Karen Laurell, disse-me que ao adentrar o deserto australiano no Território do Norte, em 1981, viu-se inteiramente perdida quando o seu Range Rover sofreu uma pane. Depois de caminhar a esmo pelo deserto e sofrer terrível insolação por causa do inclemente sol de 48 graus, desmaiou. Era certo que morreria ali. No entanto, ao recobrar a consciência, percebeu que estava enterrada na areia até o pescoço e sendo alimentada com carne de lagarto amarelo pelos aborígenes que a encontraram. Depois de adequadamente tratada, ela viu-se envolvida em alguns rituais aborígenes, nos quais lhe sopravam uma fumaça entorpecente. Certa noite, ela sonhou que estava sendo transportada pelo vento até um povoado e, para sua surpresa, quando despertou, encontrava-se deitada sob uma árvore no vilarejo de Willawara.

A antropóloga não se recorda de como chegou até aquele local. Ela sabia que os aborígenes não dispunham de cavalos, de carros ou de qualquer outro veículo que lhes permitisse transportá-la por mais de trezentos quilômetros através do deserto.

Por ser uma cientista, a Dra. Laurell não acredita que seu sonho tenha sido verdadeiro. Ela está convencida de que os aborígenes da tribo dos Pitjajantjara improvisaram uma cama de varas e cordas e a levaram para Willawara. Entretanto, custa-lhe

crer que tal percurso tenha sido feito em uma única noite, algo impossível para homens andando pelo deserto sem qualquer veículo ou iluminação satisfatória, transportando uma mulher numa cama de varas. Provavelmente, um dia ela se convencerá de que os aborígenes não dispõem apenas de profundos conhecimentos de medicina natural, mas também são capazes de dominar as forças da natureza, como me afirmou o chefe Woologong.

Um dia, decidi que não ficaria apenas ouvindo as histórias contadas por aqueles que tiveram contato direto com os aborígenes. Queria ir até a Reserva Federal Aborígene, uma vasta região de 114 mil quilômetros quadrados situada no Território do Norte. Mas, para isso, teria que pedir autorização ao Governo Federal, através da Comissão Especial existente em Sydney. Depois de preencher os requerimentos necessários, esperei alguns meses até ser chamado para uma entrevista com o deputado Phill Dorwin, responsável por assuntos ligados aos aborígenes. Seu gabinete ficava num imponente edifício público no bairro "The Rocks", às margens da Baía de Sydney.

- Tenho hora marcada com o Sr. Phill Dorwin. - disse eu à bonita recepcionista que me recebeu na antessala do gabinete do deputado.

- Qual o seu nome, por gentileza? - indagou-me a moça com um sorriso.

- Sou o escritor Alkimin, Zaydan Alkimin. – respondi, entregando a ela o meu cartão de visitas.

A moça o recebeu e voltou-se para a tela do computador à sua frente, digitando rapidamente o meu nome. Em seguida, devolveu-me o cartão, pediu-me para sentar e aguardar um pouco. O deputado Dorwin logo me atenderia.

Sentei-me num dos confortáveis sofás existentes na antessala. Eu estava dez minutos adiantado para a entrevista.

Sempre gostei de chegar antecipado aos encontros para ter oportunidade de observar o ambiente, relaxar e preparar-me adequadamente. Olhei em volta e notei que do lado direito da porta de entrada havia um grande quadro com pintura rústica. Observei atentamente o desenho e este me pareceu uma figura humana, toscamente pintada em tons marrom-escuros. A figura se parecia com pinturas pré-históricas desenhadas em cavernas, embora aquela parecesse mais bem acabada.

A tela era formada pela figura humana que estampava um largo sorriso, tendo de cada lado um pilar pintado em amarelo vivo. Sobre a cabeça, havia sóis em tons de vermelho e de laranja. Na parte de baixo, havia também pequeninos sóis, como se estivessem iluminando os pés da figura humana. Concluí que as pilastras e os sóis tinham um significado para o pintor. Indaguei à recepcionista sobre a pintura.

- Trata-se de uma das pinturas do Mestre Yalngura, um aborígene que vivia em Melbourne. - informou-me polidamente a moça.

- Se o senhor quiser conhecer outras obras dele, fale com o Sr. Dorwin. Ele tem toda a coleção.

- Naturalmente que desejo ver outros quadros deste pintor. Logo que falar com o Sr. Dorwin, pedirei para que me mostre a coleção completa... Deve ser muito interessante.

Naquele mesmo instante a porta do gabinete do deputado abriu-se e um homem alto, de pele bronzeada, aparentando uns 40 anos, vestindo terno azul-escuro, dirigiu-se a mim sorrindo.

- Bom dia, senhor Alkimin! - disse o homem, estendendo-me a mão.

- Esperava ansioso por sua visita. Por favor, vamos para a minha sala.

Entramos no amplo gabinete do deputado Phill Dorwin. Era uma sala moderna, com paredes laterais cobertas por

estantes de aço escovado. Olhei em torno do ambiente, buscando encontrar outras pinturas do Mestre Yalngura, mas decepcionei-me. Não havia ali qualquer outro quadro. A mesa de trabalho do deputado Dorwin tinha tampo de marfim e sobre ela havia papéis, carimbos, telefone e outros objetos de trabalho. Reparei em três estatuetas esculpidas em madeira, voltadas umas para as outras. Depois perguntaria ao Sr. Dorwin sobre o significado delas. Do lado esquerdo da sala, havia uma ampla janela envidraçada, cujas cortinas estavam abertas e podíamos ver a Baía de Sydney, com sua água límpida e prateada. Naquela hora do dia, os velozes *Jetcats* faziam a travessia Circular Quay-Mainly, cortavam o mar para despejar centenas de passageiros apressados do outro lado da baía.

Mais à direita, podia-se ver o majestoso conjunto arquitetônico, orgulho dos australianos, o famoso Ópera *House*, a mais luxuosa casa de espetáculos da Oceania.

- Aceita um chá, Sr. Alkimin? - ofereceu o deputado, tirando-me da ligeira distração.

- Oh! Sim, Sr. Dorwin. Obrigado.

- O senhor estava olhando para a baía, não é verdade? - indagou-me o deputado enquanto abria um pequeno armário, o qual continha uma chaleira elétrica e xícaras de chá.

- O Sr. deve estar pensando em como era essa paisagem original, quando o Capitão Cook desembarcou aqui em 1770 pela primeira vez. - concluiu ele.

- De fato, Sr. deputado. Eu estava admirando essa bela paisagem vista daqui de cima. E isso me leva a pensar em uma questão importante. Talvez o senhor possa respondê-la.

- Naturalmente que gostaria de respondê-la, Sr. Alkimin... Se eu souber a resposta, é claro! - disse sorrindo, enquanto punha água fervendo nas xícaras, as quais, pude

reparar, tinham desenhos parecidos com o do quadro que eu vira na recepção.

- Eu gostaria de saber, por exemplo: se o homem civilizado é capaz de construir tantas coisas fabulosas como o Ópera House, a Ponte Harbour, os monumentais edifícios que vemos daqui, então, por que razão não consegue construir a sua própria felicidade? - indaguei ao Sr. Dorwin, embora tivesse convicção de que ele não teria para mim uma resposta satisfatória.

- Perdão... O senhor quer um ou dois saquinhos de açúcar? - perguntou-me enquanto abria dois envelopes e os colocava numa das xícaras.

- Sem açúcar, por favor... - respondi, lembrando-me das recomendações médicas para ingerir pouco sal e açúcar.

- O senhor está certo, Sr. Alkimin... O açúcar não faz bem ao nosso organismo. Principalmente o "branco". O senhor sabia que os nativos não consomem sal ou açúcar, a não ser o existente nos próprios alimentos? - indagou-me o deputado, como se tivesse esquecido a pergunta que eu tinha feito anteriormente.

- Não, eu não sabia. - respondi.

Sentamos em um dos sofás dos cantos da sala, próximo da janela, levando nossas xícaras fumegantes.

Depois de tomarmos em silêncio os primeiros goles do chá inglês, o deputado depositou a xícara sobre a mesinha de centro, a qual também estava pintada com estranhos desenhos, levantou-se, caminhou até a janela e cruzou os braços.

- Quanto ao seu questionamento, Sr. Alkimin, tenho me perguntado há muito tempo sobre essas mesmas questões e não tenho achado respostas. Por isso mesmo, dediquei-me a estudar os povos aborígenes. - falou num tom grave e solene.

- O senhor acha que eles têm as respostas? - indaguei.

- Bem, eu acredito que as civilizações primitivas, que atravessaram milênios sem modificar seus hábitos de vida, guardam o segredo da felicidade neste planeta. - respondeu-me o Sr. Dorwin enfaticamente.

- Os aborígenes já estão neste continente há pelo menos 70 mil anos, de acordo com os achados antropológicos... E se o senhor tiver o privilégio de conviver com eles, verá surpreso que seus hábitos não se modificaram através dos séculos. Eles continuam caçando com as mesmas armas e realizando seus rituais de dança e música, da mesma forma como faziam há milênios. - concluiu o deputado.

- Isso significa que eles não tiveram capacidade para evoluir, senhor deputado?

- Aí é que está o engano, Sr. Alkimin! - Os aborígenes têm tudo o que necessitam para uma vida feliz e confortável. Durante meus vinte anos de contato com eles, nunca ouvi queixas... Ou melhor, passei a ouvi-las quando nós, os ditos civilizados, decidimos alterar os seus hábitos de vida, trazendo-os para as cidades, tentando ensinar-lhes a nossa cultura.

- O senhor está dizendo que existem nativos infelizes na Austrália? - perguntei surpreso.

- Claro que existem! - De acordo com estudos, por volta do ano de 1900, havia cerca de 500 mil deles espalhados pelo continente australiano. Mas hoje, só existem 80 mil, incluindo os descendentes. Destes, cerca de 50 mil sofrem muito com a mudança de hábitos.

- E o Governo, o que fez para resolver o problema?

- Na verdade, Sr. Alkimin, homens como eu são pagos pelo Governo da Austrália para ajudá-los.

- Isso significa que muita coisa tem sido feita por eles, não é mesmo deputado? – perguntei, esperando ouvir do representante do Governo algo concreto a respeito do assunto.

- Bem, realmente estamos. Desde 1976 criando leis que restituam aos aborígenes seus direitos à terra, à liberdade e a todos os demais benefícios da civilização de que dispomos. - respondeu-me o Sr. Dorwin, dirigindo-se para uma das estantes e retirando uma pasta recheada de documentos.

Depois de folhear os papéis, ele retirou algumas folhas e mostrou-me as informações ali contidas:

- No ano de 1890, o governo australiano criou extensas reservas de terra para os aborígenes...

- Mas estas terras eram deles, não é verdade deputado? - interrompi o Sr. Dorwin, aguçando os sentidos para ver como ele reagiria àquela pergunta tão direta e tão acusadora.

Ele pareceu não ter ouvido a minha pergunta e continuou mostrando os documentos.

- Em 1976, houve um "referendum" outorgando ao Governo Federal o poder de criar leis aplicáveis em todo o território australiano, para regular os assuntos relacionados aos nativos. E depois disso, em 1978, foi criada a "Lei dos Direitos dos Aborígenes à Terra do Território do Norte", que assegurou-lhes a posse de 114 mil quilômetros quadrados. - concluiu o deputado.

Eu senti vontade de saber quem era o verdadeiro dono da terra. Afinal, eram os aborígenes quem deveriam "doar" parte do seu território aos europeus que aqui chegaram, e não o inverso. Entretanto, eu não estava ali para criar uma polêmica com Phill Dorwin. Precisaria de seus favores, e não convinha tocar na ferida dos representantes do povo ou do governo. Pensei em não retornar ao tema, pois entendi que ele não queria discutir sobre aquela questão.

Decidi perguntar ao deputado sobre os estranhos desenhos que vi nas xícaras de chá, bem como a respeito das estatuetas sobre sua mesa. Peguei alguns papéis que ele havia

me entregado, e depois de examiná-los, sem muito interesse, devolvi-os.

- É bastante interessante, Sr. Phill. Tenho a certeza de que seu Governo tem feito muito para ajudar os aborígenes. A propósito... Estes desenhos nas xícaras são do mesmo pintor aborígene que pintou o quadro da sua antessala? - perguntei para dar novo rumo à nossa conversa.

- Sr. Alkimin, vejo que o senhor é bastante observador e detalhista. Ainda há pouco o senhor me perguntou se, na verdade, nós, os civilizados, não roubamos as terras dos aborígenes...

- Perdão, senhor deputado... - interrompi de súbito, ao perceber um certo constrangimento na observação do Sr. Phill. - Eu não disse que os civilizados roubaram as terras dos aborígenes, eu disse apenas que elas sempre lhes pertenceram, pois eles já estavam aqui quando os ingleses chegaram.

- Naturalmente... Naturalmente, Sr. Alkimin! - exclamou, erguendo as mãos num sorriso.

- Agora sou eu quem lhe peço desculpas por interpretar de modo duro as suas palavras... Mas qual a diferença entre tomar posse daquilo que não foi herdado ou conquistado e roubar? Eu estou de acordo com aqueles que acreditam que os aborígenes são donos da terra australiana. Eram eles quem deveriam, de fato, doá-la a nós.

Eu fiquei totalmente desconcertado com aquela retomada ao assunto pelo deputado. Na verdade, ele parecia concordar com o que eu havia sugerido na pergunta e não estava absolutamente zangado por eu ter insinuado algo rigorosamente indecente. Deixei que ele continuasse falando.

- Creio que no país de onde o senhor veio recentemente, o Brasil, existe um problema semelhante. Eu estive na I Conferência Mundial do Meio Ambiente, representando o

Departamento de Assuntos Internos da Austrália, e vi o quanto os indígenas brasileiros sofreram e sofrem com a violência dos posseiros gananciosos. - lamentou o deputado com certo pesar na voz.

- Isso quer dizer que a Austrália passou ou ainda passa pelos mesmos problemas de readaptação dos habitantes nativos? - indaguei.

- Naturalmente que sim. - respondeu-me.

- Aquela Conferência no Rio de Janeiro deixou claro que as populações indígenas carecem de uma proteção diferente daquela que os governos tentam dar em praticamente todos os continentes.

E continuou:

- Nós, os ditos civilizados, tentamos ajudar os povos primitivos, ensinando a eles nosso modo de viver, nossos costumes, impondo nossa religião, nossa cultura. Isso é absurdo! - disse euforicamente.

Porém, eu tinha meu estoque de perguntas para desafiar o deputado Phill, e ainda não estava totalmente convencido de que ele defendia os direitos dos aborígenes.

- Mas nós, os civilizados, temos a penicilina, os poderosos aparelhos de ressonância magnética, Raio X e o eletroencefalograma para diagnosticar doenças e providenciar a cura. Nós também oferecemos isso a eles, não é verdade? - perguntei.

- Claro que temos muita coisa que é produto de um tipo de desenvolvimento, mas o senhor sabia que os aborígenes também são conhecedores da medicina natural, e as raras e poucas doenças que eles tinham eram perfeitamente controladas com o uso de ervas, rituais e música?

Aquele era o assunto que realmente me interessava. Meu grande objetivo em visitar uma reserva de aborígenes, visava,

acima de tudo, aprender com eles os segredos da arte e da cura através de ervas, poções mágicas, rituais e música, conforme eu já havia lido. Entretanto, eu não sabia que eles sofriam de algumas doenças. O deputado estava mais atualizado do que eu nesse sentido. Ele tinha as estatísticas oficiais e parecia saber tudo sobre cada aborígene existente em toda a Austrália.

- Bem, senhor deputado, talvez os nativos também possam nos ensinar alguns "truques" para vencer o câncer, a AIDS e outros males, não é mesmo? - indaguei com um sorriso.

- Felizmente eles não sabem o que é câncer ou AIDS, pois essas doenças são produtos do homem civilizado. Possivelmente, se eles conhecessem esses males, já teriam encontrado a cura com suas ervas medicinais e rituais considerados mágicos. - respondeu, demonstrando muito interesse em continuar aquele assunto.

- Que tipo de tratamento medicinal eles usam, deputado?

- Com certeza o senhor sabe que certas dores musculares podem ser tratadas com calor. A moderna fisioterapia aprendeu esse "truque", como o senhor mesmo disse, com os aborígenes australianos. Atualmente, o mundo inteiro sabe que a termoterapia aplicada corretamente produz a redução da dor e facilita a desobstrução de artérias importantes. Talvez o senhor mesmo já tenha usado uma bolsa de água quente, não é verdade, Sr. Alkimin?

- Isso é verdade. Mas isso é tudo que podemos aprender com os aborígenes?

- Certamente que não, Sr. Alkimin. - respondeu-me o deputado, enquanto abria uma gaveta em sua mesa de trabalho e retirava dali uma folha de papel oficial, preenchida e assinada.

- Eis aqui sua permissão para visitar uma reserva federal no Território do Norte. Lá o senhor poderá satisfazer sua sede de respostas. Tudo o que eu lhe disser sobre eles, lhe causará

espanto. Por isso, desejo que suas respostas sejam satisfeitas inteiramente, com sua própria confirmação da realidade. - frisou o Sr. Phill, entregando-me o documento.

O texto estava escrito em inglês e numa outra língua que não consegui identificar e dizia que eu tinha permissão para visitar o território dos Pitjajantjara.

- Pitjajantjara! - exclamei ao ler este nome no documento.

- Sim, este é o nome da tribo, Sr. Alkimin. - revelou-me o deputado, um pouco confuso diante da minha surpresa.

- O senhor já ouvira falar desse clã?

Eu me lembrei da antropóloga, Dra. Karen Laurell e suas estranhas histórias sobre aborígenes. Era muita sorte eu ter obtido a permissão para ir ao Território do Norte.

- Sim, eu já tive algumas informações sobre estes seres, deputado! - respondi expressando contentamento.

- Eu estou muito grato por sua concessão. Muito obrigado!

- Não fique tão feliz, Sr. Alkimin. Na verdade, a concessão do Governo é uma mera burocracia para controlar a entrada de pessoas estranhas nessas reservas. Precisamos nos assegurar de que as pessoas que para lá vão são idôneas e têm interesses humanitários. Não queremos prejudicar ainda mais os nossos aborígenes, deixando que pessoas inescrupulosas mantenham contato com eles, o senhor compreende?

- Claro que sim! - respondi.

- Assim sendo... - continuou o Sr. Phill. - A nossa permissão oficial autoriza-o a visitar uma reserva, mas não lhe assegura mais nada além disso.

- O que isso quer dizer exatamente? - não entendi claramente o que ele tentara me dizer.

- O que estou dizendo, Sr. Alkimin, é que o clã dos Pitjajantjara é como uma família composta de pais, filhos, irmãos, primos, esposas etc. Eles têm as suas vidas organizadas de acordo com a realidade que os cercam. Lá não existem casas de tijolos, água filtrada, comida conservada em refrigeradores, camas com colchões confortáveis, fogão a gás ou qualquer outro tipo de conforto a que o senhor está acostumado. Os Pitjajantjara vivem em seu estado nativo como há 70 ou 100 mil anos...

- Sim, isso eu posso entender. - interrompi o deputado. - Mas o senhor afirmou que a concessão não inclui "mais nada" além da visita. Que outras coisas não são concedidas neste documento?

- Por exemplo, esse documento não lhe garante que os Pitjajantjara o acolherão em sua tribo. Ou que lhe ensinarão seus segredos medicinais, sua arte e seus costumes. O senhor compreende agora, Sr. Alkimin? Inclusive, aquela tribo é considerada a mais primitiva de todas as existentes no continente australiano. Eles tiveram pouco contato com os civilizados. Por isso, sempre pode haver alguma dificuldade em interagir com eles. Alguns deles não gostam de ter estranhos bisbilhotando suas vidas.

- Isso quer dizer que posso não ser aceito para conviver com eles? – eu mostrava certa ansiedade.

- Exatamente isso, Sr. Alkimin. Imagine se alguém, completamente estranho ao senhor e a seus familiares, chegasse com um papel assinado pelo governo, autorizando-o a dormir em sua casa, comer da sua comida e se intrometer em seus hábitos diários... O senhor certamente ficaria ofendido, não é mesmo? - perguntou-me.

- Mas o governo tem poder sobre a reserva e pode enviar cientistas, pesquisadores e estudiosos...

- Não, não, Sr. Alkimin! - interrompeu-me o deputado.

- A Reserva Federal é uma área de proteção ambiental. O governo comprometeu-se em preservá-la intacta. Isso significa não explorar reservas de minerais existentes naquela área, nem usá-la para exploração agrícola ou criar rebanhos de quaisquer animais. Entretanto, o governo não tem poder para invadir, sob qualquer pretexto, o território dos Pitjajantjara, enviando para lá médicos, cientistas, cineastas, pesquisadores...

- Inclusive escritores... - acrescentei.

- Exatamente, Sr. Alkimin. - concordou o deputado, assentindo com a cabeça.

- Conviver com os aborígenes requer, antes de mais nada, o desejo deles, não o nosso ou de qualquer pessoa estranha. Se o senhor conseguir permissão deles para esse convívio, então tudo está legal para nós. Mas se recebermos qualquer queixa de invasão do espaço deles, o senhor ou qualquer pessoa não apenas será retirado do local, como também responderá a processo criminal por violar as leis protecionistas. Isso aqui é crime federal passível de pena de prisão ou, se for estrangeiro, de deportação.

- Mas eles são pacíficos e hospitaleiros, não é verdade, deputado? - perguntei, tentando animar-me depois daquela verdadeira ducha de água fria no meu projeto de visita aos aborígenes.

- Esse é um outro engano, Sr. Alkimin.

- Naturalmente, eles não são agressivos entre si, mas repudiam com violência quando são molestados. Devo lembrá-lo que, em 1840, dezenas de colonos ingleses foram mortos por aborígenes na Tasmânia, depois de uma disputa ainda não muito esclarecida. Parece que os colonos queriam se apropriar de objetos de barro feitos pelos aborígenes. - concluiu o deputado.

- Conheço uma pessoa que conviveu algumas semanas com eles, senhor deputado. - falei, lembrando-me da Dra. Laurell. - Isso me dá uma chance também, não é mesmo?

- Como lhe disse. - observou o deputado. - Eu não afirmo que é impossível obter a permissão deles. Informo-lhe apenas que este documento não garante nada, nem mesmo proteção de vida. Uma vez, estando no território dos Pitjajantjara, o senhor estará subjugado às suas leis e aos seus costumes, e consequentemente a eventuais problemas de toda ordem.

- O senhor sabe de alguém que não foi aceito por eles?

O deputado afundou-se na cadeira e sorriu.

- Naturalmente que sim, Sr. Alkimin. Só no ano passado, 104 pessoas voltaram para suas casas sem ter sequer visto um autêntico ritual aborígene. Apenas para mencionar a variedade deles: eram médicos, cientistas, pintores, músicos, psicólogos, jornalistas e escritores. Lembro-me inclusive do Dr. Robert Maclough, um pesquisador inglês. Ele esperou seis penosos anos tentando obter a permissão de uma tribo para uma única semana de convivência, mas acabou morrendo picado por uma serpente venenosa no Deserto de Gibson. Ele poderia até ter esperado o dobro de anos até conseguir a permissão. Ninguém pode saber.

- O que o senhor sugere que eu faça para facilitar meu projeto? - perguntei, certo de que ele não me diria, mesmo que soubesse.

- Tenha paciência. - respondeu-me. - Isso é tudo que eu posso lhe sugerir. Eu tive de esperar dois anos e quatro meses para ser aceito entre os aborígenes da tribo dos Djingilii.

- Isso significa que o senhor tem amigos naquela tribo... Poderia enviar-me para lá com sua recomendação, com seu prestígio, e, com certeza, tudo seria facilitado para mim...

- Ora vamos, Sr. Alkimin! - interrompeu-me o deputado, demonstrando leve aborrecimento.

- O sistema aborígene de valores não é igual ao nosso. Ninguém confere prestígio a outrem de acordo com a tradição deles. Eu, na condição de deputado, não significo nada além de um ser de cor branca, usando roupas estranhas. Eles me acolherão se eu conseguir estabelecer uma boa interação com o grupo. Se for aceito, terei a proteção e a estima deles. Mas se isso não acontecer, serei naturalmente rejeitado.

- Desculpe Sr. Phill. - falei, um tanto embaraçado. - Não pensei que fosse tão complicado visitar os aborígenes australianos. No Brasil, tive contato com indígenas Pataxós e Yanomami e foi tudo absolutamente simples.

- Mas aqui não é o Brasil, Sr. Alkimin! - argumentou o deputado com certa rispidez.

- A Austrália não mantém nativos em reservas florestais para diversão de curiosos. Também visitei reservas indígenas no México, Brasil e Bolívia. São locais agradáveis, muitos são mantidos pelos governos para distrair turistas endinheirados. Os indígenas verdadeiros não vestem calças ”jeans”.

- Pensei que o senhor na condição de deputado federal, e também por ter feito amigos entre os aborígenes, pudesse me ajudar no meu projeto. - disse eu, retomando o tema com mais cautela.

- A propósito, Sr. Alkimin... Embora seu pedido formal para entrar numa reserva aborígene australiana tenha sido deferido, gostaria de saber exatamente o que o senhor pretende com seu projeto. - perguntou, causando-me um ligeiro desconforto.

Eu, de fato, havia elaborado uma carta ao governo australiano, solicitando permissão para visitar uma reserva aborígene, visando colher dados para um novo livro. Meu

currículo de escritor provavelmente impressionou a Comissão, que deferiu meu pedido. O governo australiano respeita escritores e busca facilitar seu trabalho. Eles sabem o quanto os escritores podem revelar para o mundo, as belezas naturais de um país, por exemplo. Os australianos se orgulham do vasto território que possuem, com uma magnífica variedade de clima, flora e fauna, absolutamente incomuns ao resto do mundo.

No entanto, eu não falei qual era meu projeto na solicitação que fizera. Na verdade, minha real intenção era descobrir os segredos milenares dos aborígenes. Encontrar a chave do poder sobre a natureza, o domínio do fogo, da chuva e dos ventos. E, sobretudo, eu queria conhecer os mistérios ocultos da Tradição dos Sonhos, o "Dream Time".

Deveria eu dizer a realidade ao Sr. Phill? Ou deixar que ele continuasse pensando que eu era apenas um escritor, querendo descrever a vida das populações primitivas existentes na Austrália? Eu tinha dúvidas, estaria ele interessado em saber a verdade para ajudar-me? Preferi ocultar-lhe meus verdadeiros planos.

- Bem, deputado! - procurei demonstrar segurança na voz. - Acredito que meu projeto não difere muito dos outros projetos de escritores que já visitaram as Reservas Australianas... Exceto em um aspecto...

Eu esperei que o deputado quisesse saber qual era a diferença, mas ele nada perguntou. Apenas conservou seus olhos azuis profundos fixando-me atentamente.

- Meu projeto visa comparar o grau de desenvolvimento dos nativos australianos em relação aos índios brasileiros, sobretudo no aspecto religioso, místico e espiritual. Quero encontrar os pontos comuns entre ambas as culturas, situadas tão distantes uma da outra. O senhor compreende?

- E o que o senhor pretende com essas comparações? Ou seja, aonde o senhor quer chegar exatamente? - indagou-me o deputado.

Ele estava sendo direto, não usava de artifícios para saber o que queria. Tudo dependeria agora do que eu lhe dissesse. Ele poderia dar-me alguma ajuda extra para facilitar o meu contato com os aborígenes ou, simplesmente, deixar que eu fosse para lá sem qualquer recomendação adicional.

- Penso que os seres humanos, em essência, vieram de um único tronco genealógico, senhor deputado. - tive receio de ser interrompido e despachado, mas O deputado não esboçou nenhuma reação.

- Penso também que os traços culturais de povos nativos, relacionados com religião ou espiritualidade são vitais para a descoberta da felicidade terrena. As crenças que eles têm são os pilares da fé humana. Sem ela, o ser humano está irremediavelmente perdido. - concluí.

Naquele momento o telefone do deputado tocou. Fui salvo pelo gongo. Ele apertou uma tecla e indagou quem era. Ouvi a voz da moça dizer pelo interfone que havia uma pessoa em linha, desejando falar-lhe.

O deputado pediu-me desculpas e ordenou à secretária para completar a ligação. Parecia estar conversando com um velho amigo, talvez outro deputado.

Enquanto o Sr. Phill falava animadamente ao telefone, marcando uma partida de golfe para o final do dia, decidi examinar as xícaras de chá que ainda estavam sobre a mesa. Eram feitas de louça fina. Próximo das bordas havia desenhos rudimentares, pintados. Após examiná-los melhor, percebi que eram serpentes onduladas. Contei-as, ao todo eram quatro. Cada uma de uma cor: marrom, preta, branca e amarela. Cada uma estava com a cabeça voltada para a cauda da outra. Pude

verificar pelo formato triangular das cabeças que eram serpentes venenosas. As caudas também se afinavam bruscamente. Na cabeça de cada serpente, havia dois pontos simbolizando os olhos e outros dois pontos indicando as fossetas nasais. Tive curiosidade de virar uma das xícaras para ver se havia algum outro desenho no fundo e, ao fazê-lo, verifiquei que realmente havia a figura de um peixe e no centro dela a inscrição "Yalngura - 1986".

Naquele mesmo momento o deputado terminara o seu telefonema e, voltando-se para mim, disse:

- Essas são apenas algumas das pinturas do Mestre Yalngura, um pintor aborígene. Possuo nove trabalhos dele em diversos objetos, tais como essas xícaras, um quadro que o senhor viu na antessala, essas três estatuetas sobre a mesa e outros objetos de uso pessoal, feitos especialmente para minha família.

- O que significam essas estatuetas, Sr. Phill? - indaguei, satisfeito por não continuarmos a conversa interrompida antes do telefonema.

– Essas estatuetas são os Três Espíritos do Mundo, segundo uma lenda aborígene: Biamban, Goin e Wollumbi. Eles representam o Ar, o Fogo e a Água.

- E a Terra? - perguntei, lembrando-me do Quadrado Metafísico, onde figuram os quatro elementos universais.

- Os aborígenes acreditam que os Três Espíritos estão continuamente criando a Terra e tudo quanto nela existe. Assim, a Terra não é um Espírito em si mesma, mas sim o resultado da vontade de Biamban, Goin e Wollumbi. - explicou-me o Sr. Phill.

- Já que o Sr. pretende examinar os aspectos espirituais dos aborígenes, Sr. Alkimin... - continuou o deputado. - Eis aí um bom começo.

Respirei aliviado ao perceber que o deputado Phill havia se deixado convencer por meu projeto. Na verdade, eu não menti a seu respeito, apenas fiz um resumo estratégico, dando-lhe um caráter mais científico e pedagógico.

- Deputado, se o senhor estiver de acordo, gostaria de obter nomes de aborígenes do clã dos Pitjajantjara, para procurá-los quando chegar lá. - insisti, certo de que a persistência acabaria por enfurecer ou vencer o deputado.

O deputado passou os dedos entre os cabelos, olhou-me demoradamente, respirou fundo, e eu me preparei para o pior.

- Sr. Alkimin... - disse ele após um prolongado instante. - Noto que o Sr. é de fato muito persistente em seus objetivos. Estou certo de que essa qualidade vai ajudá-lo com os aborígenes, mas o único Pitjajantjara que conheço é o pintor Yalngura. No entanto, ele já não vive no Território do Norte. Faz mais de dez anos que não o vejo. Seu último endereço ficava em algum lugar próximo a Melbourne. Ele "desapareceu" e nem mesmo sei se ainda é vivo.

- Quem mais poderia me ajudar a encontrar Yalngura? - perguntei entusiasmado.

- Penso que ninguém, a não ser o senhor mesmo, Sr. Alkimin! - exclamou o deputado apontando o dedo em minha direção.

Eu sabia que Melbourne era a capital do Estado de Victória, localizado ao sul da Austrália. Numa cidade de três milhões de habitantes, seria pura sorte encontrar um velho pintor aborígene. Eu necessitava de um nome completo, um endereço, alguma pista. Talvez uma galeria de arte.

- E se o senhor está pensando que o Mestre Yalngura já fez alguma exposição de arte em Melbourne ou mesmo em Sydney, Sr. Alkimin, eu lhe asseguro que sim... Mas os "marchands" sabem tanto sobre o paradeiro dele quanto eu e o

senhor. - completou o deputado como se estivesse lendo meu pensamento.

- Certa ocasião, um artista plástico francês quis encontrar o Mestre Yalngura para levá-lo a Paris, mas foi inútil. Chegou mesmo a oferecer uma vultosa quantia em dinheiro para quem o ajudasse a encontrar o pintor, mas acabou retornando para a França, frustrado - concluiu o Sr. Phill.

- Isso quer dizer que devo desistir de procurá-lo?

- O senhor decide. - respondeu, erguendo os ombros.

- Digo-lhe apenas o que sei para facilitar o seu projeto, mas receio não poder ajudar muito.

Depois de assinar alguns documentos, comprometendo-me a não levar bebidas alcoólicas, armas de qualquer espécie, objetos obscenos ou pornográficos, venenos, combustíveis, alimentos enlatados, medicamentos entorpecentes ou qualquer equipamento de gravação de vídeo ou áudio para a Reserva dos Aborígenes, despedi-me do Sr. Phill e voltei ao meu apartamento.

Tinha de reavaliar o meu projeto. Talvez fosse melhor tentar encontrar o Mestre Yalngura. Mas por onde começar?

Decidi colocar em prática meus conhecimentos de clarividência. Teria de me preparar para fazer algo que há muito tempo não fazia. Tinha obtido sucesso anos atrás tentando localizar o paradeiro de uma garotinha desaparecida, e agora precisava localizar o pintor aborígene.

A primeira coisa que precisava era ter algo que pertencesse ao Mestre Yalngura. Mas eu nada tinha dele. Os únicos objetos tocados pelo pintor que eu conhecia estavam no escritório do deputado Phill e eu não teria coragem de pedi-los emprestado. O Sr. Phill me tomaria como um louco se lhe dissesse que usaria uma xícara para localizar o paradeiro do pintor.

De súbito, tive uma ideia brilhante que decidi pôr em prática imediatamente. Peguei o telefone e disquei o número do deputado Phill. Logo ouvi a voz da amável secretária.

- Olá! - disse, tentando ser gentil. - Eu sou o escritor Alkimin, estive hoje cedo falando com o Sr. Phill...

- Oh! Sim, Sr. Alkimin! - disse a moça, interrompendo-me - lembro-me do senhor... Mas lamento informar-lhe que o deputado Phill acabou de sair. Só retornará ao escritório na próxima segunda-feira.

Eu estava com sorte. Era exatamente o que eu imaginava. Ouvira o deputado marcando uma partida de golfe para as três e quarenta da tarde, e como sei que os australianos herdaram a pontualidade dos seus irmãos ingleses, sendo agora quatro e dezoito, eu calculei que ele já não se encontraria mais no escritório.

- Oh! Que pena...- fingi desapontamento. - Mas não tem importância, eu estou retornando porque me esqueci de deixar alguns livros para o Sr. Dorwin ler. Até que horas poderei encontrar a senhorita?

- Saio às quatro e meia, Sr. Alkimin. - respondeu a moça.

- De qualquer modo, esperarei pelo senhor até as quatro e quarenta e cinco, está bem?

- Excelente, senhorita... Qual é mesmo o seu nome?

- Bessant, Anne Bessant.

- Pois eu irei recompensá-la por sua gentileza de esperar-me, senhorita Anne. - assegurei-lhe, mostrando amabilidade na voz.

- Levarei alguns livros da minha autoria para presenteá-la também.

- Muito obrigada, Sr. Alkimin! - disse ela. - Eu estava realmente curiosa para ler alguns dos seus trabalhos,

recentemente publicados na Austrália. Ao menos terei alguma coisa interessante para fazer nesse fim de semana.

Após desligar o telefone, joguei alguns livros na valise e me dirigi para o escritório do Sr. Phill. No caminho, ia pensando na melhor estratégia para obter algum objeto pertencente ao pintor Yalngura... Ou melhor, pertencente ao deputado Phill, mas que fora pintado pelo aborígene.

Eu não poderia entrar na sala do deputado sem o consentimento da secretária, e mesmo que pudesse fazê-lo, não poderia furtar qualquer objeto dali sem causar suspeitas sobre mim. Analisei que talvez pudesse tomar emprestado da secretária, prometendo-lhe devolver o objeto na próxima segunda-feira, antes do deputado voltar ao trabalho. Tudo dependeria de meus argumentos. De qualquer forma, eu conseguiria conquistar a simpatia da senhorita Anne, ofertando-lhe meus livros. Tudo dependeria dela aceitar ou não meus argumentos. Tinha de encontrar um bom argumento para convencê-la a ceder-me um dos objetos desejados. Embora, intimamente, soubesse que isso poderia custar-lhe o emprego, caso algo saísse errado.

Em menos de 30 minutos eu já estava estacionando próximo ao edifício do escritório do deputado Phill. Entrei no prédio, dirigi-me para o elevador, que naquele instante despejava uma pequena multidão de homens e mulheres bem vestidos a conversar animadamente. Apertei o botão para o 23º andar. Enquanto o elevador passava pelos andares, minha mente fervilhava de ideias e argumentos para apresentar à senhorita Anne. Abri a porta que tinha uma plaqueta com a inscrição em letras douradas: "DEPUTADO PHILL DORWIN - ASSUNTOS ABORÍGENES".

Ao entrar na sala, vi que a senhorita Anne estava ao telefone. Fez um sinal para que eu me sentasse. Sentei-me no

mesmo lugar da vez anterior, bem de frente para a pintura do Mestre Yalngura. Meu desejo era de agarrar o quadro da parede e sair com ele dali. Aquele quadro se adaptava perfeitamente às minhas necessidades. A tela estava impregnada com a energia artística do pintor. Seus traços rústicos emanavam vibrações sutis poderosíssimas, suficientes para ativar meus centros psíquicos. Uma vez que meu cérebro fosse bombardeado pelas vibrações da tinta, dos traços e mesmo dos pensamentos de Yalngura impressos na tela, eu ficaria em harmonia com ele e descobriria seu paradeiro.

Havia pensado na possibilidade de tirar uma fotografia da tela, quando me ocorreu a ideia de usar a clarividência, mas eu já havia falhado em outras tentativas usando fotos de objetos e não queria um novo fracasso.

Precisaria usar um objeto de verdade durante a sessão de concentração e fixação que, da mesma forma que uma bateria, conservava armazenada todas as características do seu criador.

- O senhor veio rapidamente, Sr. Alkimin! - comentou a moça, achegando-se a mim sem que eu sequer a tivesse percebido.

- Oh! Sim... - disse eu, gaguejando. - Não moro muito longe daqui... Gastei pouco mais de vinte minutos...

- O senhor aceita uma xícara de chá? - perguntou-me.

Meu coração disparou ao ouvir aquela frase, porque certamente me traria de volta às mãos o tão desejado objeto.

- Naturalmente... - disse eu quase instantaneamente.

- Então vamos passar para a sala do Sr. Phill. - decidiu ela com um sorriso - Ele permite que eu use a sala em sua ausência. Além disso, todos os utensílios para se fazer um bom chá se encontram no armário dele...

Acompanhei a simpática secretária do deputado Phill. Era uma mulher de trinta e poucos anos, alta, loira, esguia,

usando um corte de cabelo curtíssimo, que deixava sobressair o pescoço. Suas orelhas tinham perfurações e eram adornadas por cinco brincos pequeninos, simetricamente iguais. Ela caminhou graciosamente à minha frente. Usava uma saia preta até abaixo dos joelhos, com uma magnífica abertura na parte de trás, que deixava à mostra as pernas e parte das coxas. "O deputado escolheu uma secretária muito bonita para os padrões europeus", pensei comigo. Embora fosse mais prudente e ecologicamente adequado contratar uma secretária aborígene. Eu lhe faria essa sugestão se tivéssemos um novo encontro. Entramos na sala do deputado e observei que tudo estava rigorosamente arrumado. Entretanto, as estatuetas que eu havia visto já não estavam sobre a mesa. Sentei-me em um dos sofás. A senhorita Anne dirigiu-se ao armário de onde eu tinha visto o deputado Phill retirar os utensílios para o chá. Primeiro ela retirou a chaleira elétrica e abriu-a para colocar água da torneira instalada na parte interna do armário, vinda de um filtro embutido. Depois, ela pegou duas xícaras e, dentro delas, colocou dois pacotes pequenos de chá inglês. Eu seguia todos os seus movimentos com o olhar.

- O senhor quer um ou dois envelopes de açúcar, Sr. Alkimin?

- Sem açúcar, por favor! - respondi, como da primeira vez com o deputado Phill.

Passados alguns instantes, não mais que cinco minutos, a moça encaminhou-se para mim, em silêncio, com uma xícara fumegante. A cada passo, em minha direção, meu coração batia descompassadamente. Quando ela entregou-me a xícara sobre o pires, senti um calafrio percorrer-me a espinha. Olhei para a xícara e procurei desesperadamente encontrar os desenhos das serpentes, mas estes haviam desaparecido.

Minhas mãos estavam trêmulas. Sorvi um gole de chá, sentindo-o queimar a língua e a garganta. A perturbação causada por não rever a xícara pintada, fez-me esquecer de que deveria esperar que o chá esfriasse um pouco. A secretária do Sr. Phill percebeu a minha imprudência e sorriu, vindo depois sentar-se numa outra poltrona, na minha frente.

- E então, Sr. Alkimin... Estou ansiosa para ver os seus livros.

- Oh! Sim, senhorita Anne! - exclamei, pondo o pires com a xícara na mesa de centro e retirando seis livros da minha valise.

- Aqui estão os livros para a senhorita ler.

A moça recebeu os livros das minhas mãos, demonstrando vivo interesse. Selecionou um deles e começou a folheá-lo minuciosamente, detendo-se nos títulos e subtítulos. Pude ver que se tratava do livro "O MILENAR PODER DA MAGIA". Era bom saber que a senhorita Anne se interessava por aquele tema. Mas minha preocupação estava nas xícaras pintadas por Yalngura. Onde elas estariam? Talvez estivessem dentro do armário. Eu não sabia. Provavelmente, a secretária do deputado não gostava de usá-las, e por isso trouxe outras que também lá havia. Decidi indagar sobre o paradeiro das outras xícaras.

- Senhorita Anne... - disse eu, interrompendo a leitura da moça.

- Hoje pela manhã, quando estive aqui, o deputado Phill serviu-me chá em uma magnífica xícara pintada por Yalngura... Por acaso a senhorita não gosta de usá-las na ausência do deputado, ou será que estou enganado?

- Ah! As xícaras com desenhos de serpentes? - indagou a moça com um sorriso.

- Exatamente, senhorita! - respondi, aproveitando a oportunidade para demonstrar imediatamente meu interesse pelos objetos.

- Será que poderia ver as xícaras outra vez? Estou curioso sobre o formato das serpentes... Se não for incômodo...

- Claro que não é incômodo, Sr. Alkimin! - falou a moça.

- O único problema é que o senhor terá que voltar aqui em outra ocasião quando o Sr. Phill estiver, pois as xícaras estão guardadas em seu cofre particular.

Por alguns instantes eu fiquei atordoado. Então o deputado guardava aquelas xícaras num cofre particular? Era a primeira vez que via alguém fazer tal coisa. Isso significava, também, que meu plano para localizar o pintor aborígene estava fracassado. Resolvi investigar melhor a questão.

- Engraçado... - disse eu com um sorriso meio desolado.

– Por que o deputado Phill guarda a sete chaves aquelas xícaras, senhorita Anne?

- O deputado Phill foi orientado por Yalngura, para não deixar que outras pessoas se apropriassem dos objetos que foram feitos para ele com exclusividade. - contou-me.

- Mas o deputado serviu-me chá numa delas... Isso significa que eu usei o objeto também! - comentei, tentando compreender melhor aquele mistério.

- Claro que sim! - falou a moça.

- Isso, entretanto, foi feito por alguma razão especial. O deputado Phill costuma servir chá naquelas xícaras a certas pessoas, e depois usa os restos que sobraram para rituais de magia... Penso que através da quantidade de líquido deixado na xícara, ele pode saber de coisas sobre a vida da pessoa.

Fiquei petrificado. Então o deputado Phill praticava magia e nada me falou a respeito disso? Que coisas ele tinha

descoberto a meu respeito? Será que agora ele sabia das minhas verdadeiras intenções ao querer visitar a reserva aborígene? Para essas perguntas eu talvez um dia tivesse respostas.

Mas outra coisa me inquietava agora: como a senhorita Anne sabia daquelas coisas? Só ela poderia me dizer.

- Muito interessante, senhorita Anne! - disse, demonstrando real interesse naquele assunto.

- Isso quer dizer que o seu chefe é um "bruxo moderno"... Como a senhorita sabe dessas coisas?

- O senhor se esquece de que sou a secretária dele e, assim sendo, sei mais coisas sobre a vida dele que sua própria esposa! - lançou, demonstrando satisfação em conhecer tão intimamente a vida particular do deputado Phill Dorwin.

Eu sabia que ela tinha razão. Muitas secretárias de pessoas importantes ou não, tornam-se suas confidentes naturais. Passam o dia inteiro ao lado delas, sabem aonde vão, com quem conversam e tantos outros detalhes importantes. Não era de se estranhar que também soubessem das práticas mágicas do chefe, como a própria Anne confessara.

- Pelo que vejo aqui num dos seus trabalhos, Sr. Alkimin... - começou a moça apontando para um dos meus livros - o senhor também é adepto da magia, não é mesmo?

- Na verdade, senhorita Anne, a magia está em toda parte! - disse, prolongando aquele assunto.

- No entanto, muitas pessoas não se dão conta de que as preces que fazem diariamente são atos mágicos poderosos. O simples aperto de mão entre as pessoas faz parte de um ritual mágico. A senhorita acredita nisso?

- Às vezes, Sr. Alkimin. Embora tenha lido alguns livros sobre esses assuntos, tenho muitas dúvidas. - respondeu-me, enquanto folheava o livro.

Francamente, não sabia o que dizer diante daquela situação. A senhorita Anne ficou satisfeita com os livros que eu lhe ofertei, e prometeu contatar-me para dizer o que achava das minhas ideias e ensinamentos. Eu a ouvia falar como se estivesse muito distante. Meus pensamentos não estavam ali, mas sim nos objetos do pintor aborígene que me seriam de grande valor.

- Senhorita Anne... - voltei a indagar-lhe. - Por acaso saberia informar o paradeiro do pintor Yalngura?

- Realmente não, Sr. Alkimin! - respondeu-me a moça com pesar.

- Ele esteve aqui neste escritório há cerca de quatro anos, quando veio falar com o Sr. Phill sobre umas terras que haviam sido invadidas no Território do Norte. Depois disso, ele não apareceu mais.

Fiquei pensativo. Minha memória seletiva para assuntos importantes lembrava-me que horas antes, naquela mesma sala, o deputado havia dito que há dez anos não encontrava Yalngura. Por que ele mentira sobre isso? Talvez soubesse do paradeiro do pintor e por algum motivo especial não queria revelar-me o local onde o mestre se encontrava.

- Vejo que o senhor ficou realmente impressionado com o trabalho do Mestre Yalngura, não é mesmo, Sr. Alkimin? - indagou-me Anne ao perceber minha imensa curiosidade sobre o pintor.

- De fato, senhorita Anne. - respondi satisfeito por notar que ela tinha um bom poder de observação.

- Inclusive gostaria muito de possuir ao menos um dos trabalhos feito por ele... Estou escrevendo um livro sobre temas aborígenes e a pintura de Yalngura possui detalhes que são extremamente curiosos.

- Verdade? – Me olhou com um ar de surpresa. - Eu não entendo de pintura aborígene, mas não vejo nada além de desenhos rústicos que qualquer criança da pré-escola poderia fazer.

Eu compreendia a observação dela. De fato, à primeira vista, os desenhos de Yalngura assemelhavam-se a desenhos infantis. Mas para alguém com conhecimentos de esoterismo e metafísica, os símbolos de poder universais estavam muito bem impressos ali.

- É verdade, senhorita! - disse eu com certa complacência à sua pouca compreensão.

- No entanto, para mim, esses toscos desenhos têm muitos mistérios. Cada figura, o modo com está no conjunto, a composição total, contam uma verdadeira história.

- Verdade? – Anne voltou a surpreender-se.

- Então talvez o senhor possa me dizer algo sobre este objeto que tenho aqui.

Em seguida, abriu a bolsa, retirou um objeto estranho e mostrou-me. Era uma peça de madeira de aproximadamente dez centímetros de comprimento, em forma de ferradura. No entanto, o formato era mais aberto que esta. Tinha a forma de um V. Era delgado, com poucos milímetros de espessura. Os aborígenes chamavam aquilo de bumerangue. Tomei o objeto nas mãos e o examinei melhor. Havia pequeninos desenhos que pude observar. Pareciam cangurus.

- Como pode ver, isso é um autêntico bumerangue Sr. Alkimin.

- Foi-me dado pelo Mestre Yalngura quando esteve aqui pela última vez. Trouxe-o para dar de presente ao deputado Phill, mas como este tinha uma reunião em Camberra e não viera ao escritório naquele dia, o mestre deu-o de presente para mim.

Quase saltei de alegria. Outra vez a sorte estava ao meu lado. Aquele objeto tinha tanta energia do pintor quanto as xícaras ou o quadro da parede. Seria fácil tomá-lo emprestado da senhorita Anne, sem cometer qualquer ato ilícito, como retirar do gabinete do deputado alguns de seus objetos pessoais.

- Fantástico! Impressionante... - disse eufórico enquanto examinava o objeto.

- Mas isso faz quatro anos, e a senhorita guarda o bumerangue até hoje? Qual a razão? Posso saber?

- Bem, o Mestre Yalngura disse que eu deveria usar sempre em minha bolsa este bumerangue... Como um amuleto de sorte. A princípio eu achei que era bobagem, mas todas as vezes que preciso de uma ajuda em qualquer assunto, rezo segurando-o, e, por incrível que pareça, as coisas de fato acontecem como eu desejo... E rapidamente! - concluiu a moça demonstrando entusiasmo.

- Que maravilha, senhorita Anne, eu talvez possa obter um pouco de sorte deste seu amuleto. - disse-lhe iniciando uma conversa que provavelmente me faria ter o bumerangue por alguns dias, e assim poder usá-lo na concentração.

- Obter um pouco de sorte? Como o senhor pode conseguir tal coisa? - a moça parecia não compreender o que eu pretendia.

- Ora, é muito simples! - disse eu pondo-me de pé, segurando o bumerangue.

– Se a senhorita confiar em emprestar-me este objeto até a próxima segunda-feira, eu lhe ensinarei como obter sorte e riqueza, usando coisas que pertenceram ou pertencem a pessoas ricas e famosas.

A moça arregalou os olhos, demonstrando surpresa.

- Ora, mas por que o senhor quer levar o meu bumerangue? - indagou-me, sorrindo - Será que ainda não conseguiu toda sorte e riqueza que deseja, Sr. Alkimin?

A pergunta era direta e eu não podia responder a verdade. Um dos segredos da magia é não revelar aos outros aquilo que se pretende conseguir. Em alguns casos, as más vibrações da pessoa podem bloquear o intento. Como eu não conhecia a senhorita Anne o suficiente, resolvi não arriscar, não contei a verdade.

- Naturalmente que não estou procurando mais riqueza, senhorita Anne - disse vagarosamente, medindo as palavras.

- Mas, como sabe, pretendo conviver algum tempo no Território do Norte, com os aborígenes que lá vivem. Sei que coisas terríveis me aguardam no deserto: serpentes venenosas, formigas carnívoras e toda a espécie de perigo...

- Nem é bom pensar, Sr. Alkimin. - disse-me levando a mão ao rosto.

Então, percebi que os meus argumentos já a haviam convencido. Agora era só esperar o momento para fazer uso da clarividência e localizar o pintor Yalngura.

Tudo saiu diferente do que eu esperava, mas quando saí do escritório do Sr. Phill e fui para a rua, eu estava radiante de felicidade. A senhorita Anne não apenas emprestou-me o seu amuleto, como disse que poderia ficar com ele pelo tempo que eu desejasse. Ela estava com meus livros, que eu lhe dera de presente, e considerava-os, daquela data em diante, seus novos amuletos de sorte.

Capítulo II

EM BUSCA DE YALNGURA

O sábado amanheceu ensolarado e agradável para se fazer uma caminhada. Saí de casa e fui andando até o Hyde Park, uma imensa área verde no coração de Sydney. No bolso do meu agasalho eu levava o bumerangue feito por Yalngura. Tinha dormido com ele sob meu travesseiro, para melhor captar as vibrações nele impregnadas.

Cheguei ao Hyde Park e deitei-me na relva macia. Fechei os olhos e deixei que a minha mente vagasse para longe. Algumas crianças brincavam em volta e eu podia ouvir seus gritinhos de alegria. Eram as vibrações ideais de que eu necessitava. Estiquei as pernas e alinhei os braços ao longo do corpo, com a cabeça voltada para o nascente. Essa era a minha maneira favorita de relaxar e me concentrar.

A princípio, sentia-me excitado por estar com o bumerangue no bolso, e procurei reduzir meu nível de ansiedade para não perturbar a concentração. Tentei pensar em coisas naturais como o azul do céu e as nuvens brancas como algodão doce que tinha visto naquela manhã. Quase não havia conseguido dormir na noite anterior. Sabia que tinha uma chance de conseguir a localização exata de Yalngura usando os recursos da clarividência.

Yalngura saberia de tudo o que eu precisaria para estabelecer o primeiro contato com seu povo aborígene. Ele, com certeza, me daria instruções sobre o que deveria ou não fazer para conseguir a boa vontade dos aborígenes do clã dos

Pitjajantjara. Sem ele, provavelmente, eu teria dificuldades terríveis. Não falava o idioma dos aborígenes e necessitava no mínimo de uma dúzia de frases básicas para estabelecer a comunicação. Yalngura seria, com certeza, a chave que me abriria a porta de acesso ao mundo aborígene.

O frescor da manhã e a tranquilidade do Hyde Park fizeram-me adormecer com facilidade. O barulho da fonte de água caindo a alguns metros de onde eu estava agiu como hipnótico sobre minha mente e meu corpo. Enquanto eu relaxava, procurava apenas pensar numa coisa: "Yalngura". Eu não sabia como era seu rosto, por isso, não imaginava-o. Apenas fixei minha mente no seu bumerangue, que estava em meu bolso e nada mais. Tinha uma grande fé de que apenas aquilo seria suficiente para levar-me até ele.

Acordei uma hora depois, com o zumbido de uma abelha rodeando meu rosto. Sentei-me na grama e recordei de um sonho, no mínimo, impróprio para aquele lindo e tranquilo lugar. Lembro-me de ter sonhado que estava sendo perseguido por demônios pavorosos. Eles eram pequenos, pareciam animais e tinham um aspecto horrendo. Eram muitos e queriam devorar-me. Fugi desesperado por um pântano e um dos demônios conseguiu segurar uma perna da minha calça, arrastando-me para uma areia movediça. Eles gritavam enfurecidos, enquanto eu me debatia para me libertar. Lembrei-me, também, que após fugir dos demônios, eles se apoderaram de um lobo e o devoraram vivo. Enquanto esquartejavam o animal, urravam furiosamente, fazendo estremecer a floresta que nos rodeava.

Pus-me de pé. O sonho era incomum, mas não me oferecia pistas claras sobre Yalngura. De qualquer forma, lembrar-me-ia de anotá-lo em meu diário de sonhos, quando voltasse para casa. Se ao menos aquele sonho se repetisse, isso

significaria algo valioso. Os elementos daquele sonho eram terríveis e enigmáticos.

Voltei para casa e trabalhei até tarde em um livro que estava escrevendo. Em todos os momentos, não abandonei um só instante o bumerangue de Yalngura. Durante aquela noite, certamente, eu teria algum sinal mais direto sobre onde encontrar o pintor. Desejava ardentemente que aquilo acontecesse.

Dormi profundamente a noite inteira e acordei quando o sol já ia alto. Tinha algumas visitas para fazer e planejei jogar um pouco de tênis na quadra existente em meu prédio. Minha família talvez quisesse dar um passeio pela praia, já que o verão australiano convidava para um banho de mar. Durante o café, tomado na varanda que ficava voltada para o mar, eu reconsiderei os fatos do dia anterior. Não me lembrava de nenhum outro sonho, além do que tivera no Hyde Park. Comecei a achar que talvez minha capacidade de clarividência tivesse desaparecido por falta de uso. Decidi que naquela noite tomaria algumas providências sérias.

Veio a noite e eu fui para a minha biblioteca, levando comigo o bumerangue de Yalngura. Acendi duas varetas de incenso de jasmim e coloquei uma vela acesa num castiçal de cobre sobre a mesa ritualística. Aquele móvel foi construído especialmente para a prática de meus rituais de neomagia. Não o uso para qualquer outra finalidade. Ela é feita de mogno, tem quarenta centímetros de altura por quarenta de largura e a mesma medida em comprimento. É um cubo perfeito. Seus pés são torneados e há uma pequena gaveta na parte anterior, onde guardo incenso, óleos, velas, fósforos e outros objetos necessários à prática de meus rituais.

Enchi um copo de cristal com água pura e também o coloquei sobre a mesinha. Fechei a porta, deixando pelo lado de

fora um aviso que dizia: "Silêncio! Guru em meditação". Essa era a maneira mais carinhosa de avisar aos meus familiares que eu não queria ser incomodado, quer por visitas, telefonemas ou quem quer que fosse. Só em caso de emergência, deveriam interromper-me. Vesti um roupão leve, apropriado para a ocasião. Era feito de seda chinesa de cor prateada. Sentei-me diante da mesinha com as pernas cruzadas e segurei o bumerangue com as duas mãos, na altura da testa, enquanto proferi as seguintes palavras: "ESTOU EM SINTONIA COM O CRIADOR DESTE OBJETO, MEUS CENTROS PSÍQUICOS RECEBEM AGORA AS INFORMAÇÕES DE QUE NECESSITO PARA LOCALIZAR O CRIADOR DESTE OBJETO. A CHAMA SAGRADA ILUMINA AGORA MINHA MENTE E MEU CORAÇÃO".

Durante vinte minutos, aproximadamente, mantive meus olhos fixos na chama da vela, que rebrilhava na escuridão do quarto. Uma brisa suave da noite entrava pela janela, agitando as cortinas. Eu sabia que a minha meta seria atingida.

Bebi o copo d'água suavemente e senti-me energizado. Depois, levantei-me e coloquei uma fita cassete no aparelho. Logo os sons especiais encheram o ambiente. Eu gostava de ouvir Kitaro, com seus magníficos sons de harpa indiana. Aquela música era apropriada para meditação. Relaxava a mente e o corpo, inundando-me com uma sensação de paz e harmonia com o Cosmo.

Uma hora depois de haver iniciado o meu ritual, decidi que era tempo de ir para a cama, pois já passava da meia-noite. Aquele horário era o melhor para executar rituais. Depois eu poderia dormir sem maiores preocupações. Fui dormir esperançoso, talvez eu tivesse um sonho revelador sobre o paradeiro de Yalngura.

Na manhã seguinte, acordei cedo. Olhei para o relógio de cabeceira e vi que ainda eram cinco e quarenta e cinco da manhã. Costumava, normalmente, acordar às sete horas, mas acordei me sentindo bem-disposto, pronto para iniciar o dia. Senti-me, no entanto, muito frustrado pelo fato de não recordar de nenhum sonho tido naquela noite. Sabia que, às vezes, no decorrer do dia, certos sonhos são relembrados espontaneamente, quando ouvimos ou vemos algo que esteja associado a eles. Eu teria que esperar. No final do dia, eu ainda não conseguia recordar de qualquer sonho e isso me deixou extremamente decepcionado. Será que eu não tinha executado o ritual de maneira correta? Será que meus centros psíquicos não mais funcionavam para a clarividência? Ou será que a neomagia tinha falhado? Era assim que me sentia todas as vezes que desejava algo ansiosamente e não obtinha a resposta imediata. Começava a pensar que a neomagia não funcionava mais comigo ou que algo tinha saído errado.

Como podia o autor de tantos livros sobre neomagia falhar?

Sentia-me decepcionado comigo mesmo. Pensei que deveria esquecer os meios mágicos para conseguir o que eu desejava, ou mesmo esquecer a viagem ao Território do Norte. Havia outras coisas interessantes para ver na Austrália. Havia aspectos geográficos incomuns, como a fantástica Barreira de Corais em Queensland, ou as florestas exuberantes da Tasmânia. Eu não precisava arriscar minha pele e enfrentar situações perigosas, apenas para extrair possíveis segredos de um bando de seres de pele escura que vive no meio do deserto.

Isso mesmo. Foi o que acabei pensando. Eu mudaria o projeto de pesquisa e viajaria para o Estado de Queensland no fim de semana e iria investigar a Grande Barreira de Corais, a maior do mundo. Descansaria a mente e o corpo, mergulhando